

## LIVROS

## As vozes do exílio

## Maria José de Queiroz analisa literatura do desterro de Ovídio a Nabokov

RINALDO GAMA  
especial para a Folha

Num século que produziu exilados em quantidades alarmantes, é compreensível que muitas vezes se perca de vista a real condição do exílio: longe de ser um fenômeno contemporâneo, ele está na raiz de algumas idéias sobre a própria origem da humanidade. Humano, demasiado humano, o exílio alcançamos os maiores personagens, de diferentes tradições. Bastaria citar os bíblicos Adão e Eva ou o mitológico Édipo ("O mito narra como uma realidade passou a existir", ensina o romeno Mircea Eliade).

Espécie de mal congênito aos homens, era natural que o degredo sensibilizasse escritores — sobretudo quando eles mesmos se tornavam vítimas de banimentos concretos. Autores desterrados esuas "canções do exílio" dão corpo a

"Os Males da Ausência", da escritora Maria José de Queiroz, 62, doutora em letras e professora aposentada pela Universidade Federal de Minas Gerais, ex-professora associada

da Sorbonne e ex-professora visitante da Universidade de Indiana (EUA). O livro, menos ambicioso do que pode parecer à primeira vista, representa uma empresa intelectual de fôlego, que insere a ensaística nacional num debate que mistura intolerância, sofrimento, nacionalismo (às vezes até provincialismo) e, é claro, prazer estético.

Durante sete anos, Maria José de Queiroz seguiu a pista de escritores exilados, principalmente em bibliotecas dos Estados Unidos, França e Alemanha. O resultado, um alentado volume de mais de 700 páginas repletas de notas e de rodapé, vai da Antiguidade ao final da Segunda Guerra — alertando, porém, o leitor de que, mesmo dentro desse vasto período, não esgotase o objeto de estudo.

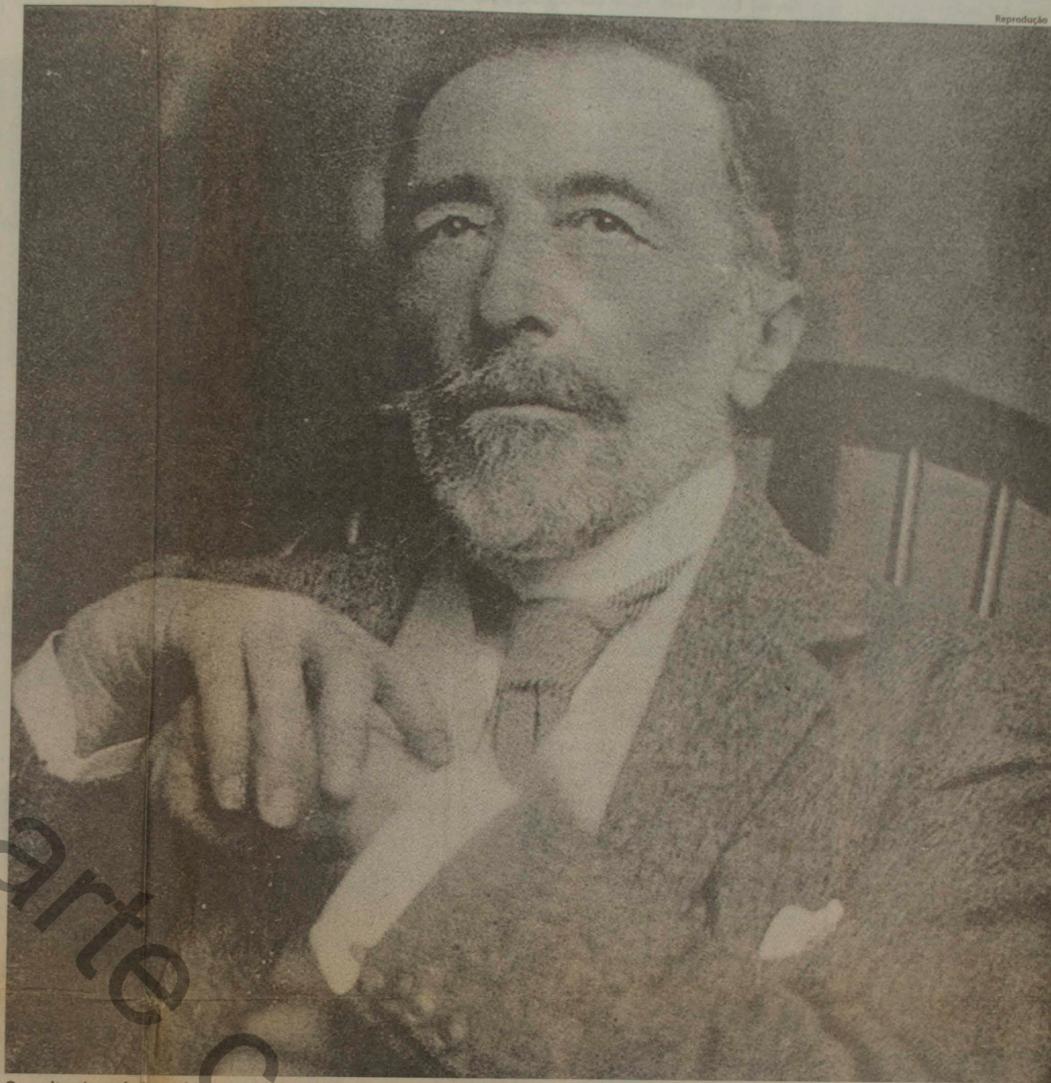
Diante da certeza de que o tal objeto, em sua totalidade, "saltaria

sempre fora" (exílio, ex salire) de seu alcance, a autora estabeleceu, digamos assim, cânones de exilados. Do romano Ovídio — confinado à região bárbara do Mar Negro sob a acusação de ter sido amante da filha do imperador Augusto, uma suposta ninfeta de 14 anos de idade — ao russo Vladimir Nabokov, que trocou o seu país pelos Estados Unidos e se tornou um dos maiores ficcionistas de língua inglesa do século 20, "Os Males da Ausência" faz um recorte amplo da história da literatura universal. Entre o autor de "Tristes" e o de "Lolita", romance no qual, aliás, surge pela primeira vez o termo "ninfeta", aparecem Dante, Camões, Victor Hugo, Conrad e Joyce, para mencionar apenas alguns nomes. Vítimas de regimes autoritários, como o nazismo e o stalinismo, também encontram espaço no cânone de Maria José de Queiroz.

É natural que o leitor se pergunte por que a autora interrompeu seu estudo em 1945, deixando de fora ditaduras proliças em matéria de exilados, como a cubana (instaurada em 1959) e as militares que tomaram conta da América do Sul entre os anos 60 e 70 — disse decorrendo que os desterrados brasileiros só apareceram na dedicatória do volume.

A ensaísta argumenta que não avançou em sua análise porque haveria hoje uma mudança na atitude dos banidos: em vez de voltar às suas terras de origem, redemocratizadas, eles estariam preferindo continuar nos países que adotaram. Se isso vale para diversos casos, não se pode falar que essa seja a única categoria remanescente de degredados. Maria José de Queiroz admite a nuance e informa: pretende escrever um novo livro tratando do assunto, a partir do tema geral do nacionalismo. Ao leitor de "Os Males da Ausência" restaria esperar.

Quanto aos escritores brasileiros, a autora afirma que pouco pro-



O escritor Joseph Conrad (1857-1924), autor de, entre outros, "Lord Jim" e "Nostromo"

duziram nesse campo (nenhuma palavra sobre qualidade). Outro problema: os livros deixados por eles não conteriam elementos suficientes para o diagnóstico do "mal do exílio". Nem mesmo o "Poema Sujo" (1976), de Ferreira Gullar? Indagada a respeito, Maria José de Queiroz diz outra vez que prefere guardar o que coletou nesse terre-

ço para um trabalho posterior, que trataria "de diferentes exílios, como o dos mineiros no Rio e dos nordestinos em São Paulo". Ao leitor de "Os Males da Ausência" restaria esperar.

É possível que estas últimas colocações soem um tanto ufanistas — e há poucas tolices que se igualem ao ufanismo. Não se trata disso. O

que se quer ressaltar é que o Brasil também tem o seu lugar, inclusive no papel de hospedeiro de intelectuais exilados, na literatura do desterro (uma boa referência, diga-se de passagem, para um melhor entendimento da história recente do país). Como um ensaio, tomado em seu próprio conceito, é apenas uma "aproximação", a autora de

"Os Males da Ausência" pode sustentar, com razão, que cumpriu seu objetivo — mas o tema, sem dúvida, reclama outras obras.

Rinaldo Gama é professor no departamento de Comunicação Jornalística da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), editor executivo dos "Cadernos de Literatura Brasileira", do Instituto Moreira Salles. É autor de "O Guardador de Signos-Caerem em Pessoa" (Perspectiva/IMS).

## Um itinerário das artes plásticas

RÉGIS BONVICINO  
especial para a Folha

## Obras reúnem telas e gravuras de Fiaminghi e Evandro Carlos Jardim



"O Cavalho Morto Está Só" (1970), gravura de Evandro Carlos Jardim

"Hermelindo Fiaminghi", de Isabella Cabral e M.A. Amaral Rezende, e "Evandro Carlos Jardim", de Yvoty Macambira, pertencem à coleção "Artistas Brasileiros", da Edusp, que, com a série, procurará fixar o perfil de artistas plásticos, poetas e dramaturgos que atuaram no século 20. A iniciativa não se limita a autores já mortos, como o poeta Jorge de Lima ou Lasar Segall, mas se estende a criadores vivos, como Fiaminghi e Jardim, os dois ainda marcados pela coincidência da "paulistanidade": sim, nasceram em São Paulo e fizeram dela referência universal, em seus trabalhos.

Não só São Paulo os une — num "cotejo" que revela mais diferenças do que semelhanças —, mas também o fato de terem iniciado seus itinerários como "gráficos" — Fiaminghi como litógrafo, cronista, e Jardim com a gravura em metal (à qual se mantém fiel, com intervalos reservados à pintura e escultura, até hoje). As bienais de arte foram também estímulos para a carreira de ambos, que, ao contrário dos artistas mais jovens, pouco saíram do Brasil no período, digamos, de formação. Os dois representam, de algum modo, o embate entre "figuração" (Jardim) e "não-figuração" (Fiaminghi).

Segundo Yvoty Macambira, as bienais serviram "para fomentar as paixões com argumentos

queiram se estender até a década de 60". Ela está correta ao observar que "as tendências não-figurativas foram as vertentes para onde se inclinou grande parte de nossos artistas (...). No âmbito nacional, destacava-se o movimento concreto, que vinha se consolidando desde os anos 40, reforçando experimentações com as formas não-figurativas". É com esta corrente que se forja o trabalho de Fiaminghi e é, em oposição a ela (não beligerante) que se firma Jardim como gravurista, técnica então (dos anos 50 em diante) considerada, por assim dizer, ultrapassada. A gravura foi sempre pouco explorada no Brasil. Oswaldo Goeldi (1895-1961) foi o seu pioneiro. E agora Jardim, grande mestre nesta arte, numa perspectiva também decerto modo expressionista.

O volume de Isabella Cabral e M.A. Amaral Rezende é quase uma recuperação da obra de Hermelindo Fiaminghi — este "público" que soube superar o geometrismo estrito (linha, espaço e cor) do movimento concreto para, a partir de 1958, recusando a "pop art", entre outras, se afirmar como um dos mais originais pintores do Brasil, com sua "corluz". As quase-formas, quase-cores que, explorando a técnica das retículas da fotografia, se impõem às telas a óleo. Não sem razão Fiaminghi foi amigo de Alfredo Volpi, com quem pôde aprender não só a criar sua própria tinta, mas a se voltar para a pintura, de modo menos "datado"

AS OBRAS

**Evandro Carlos Jardim** - Yvoty Macambira. Edusp (av. Prof. Luciano Gualberto, 374, 6º andar, CEP 05508-900, SP, tel. 011/813-8837). 256 págs. R\$ 40,00.

**Hermelindo Fiaminghi** - Isabella Cabral e M.A. Amaral Rezende. Edusp. 190 págs. R\$ 30,40.

de 1985.

Essas séries — definidas por Isabella e Amaral Rezende como de composição física da cor, entre o projetado e o improvisado — mostram como Fiaminghi sintetizou, de modo próprio, traços do impressionismo — que negava com o movimento concreto — com técnicas mais contemporâneas, como as da fotografia. A cor extraiada do interior das cores, sem limites geométricos, intensas, registrando aspectos pouco aparentes da natureza, fazem de Fiaminghi, entre Volpi e Claude Monet — para além deles — um marco. Décio

Pignatari, no belo poema "Fialuz", o capta de maneira precisa: "Pode acontecer com qualquer um — mas, em Fiaminghi a tela é ela/ e toda e qualquer coisa que não ela/ desde que cor e luz...".

Evandro Jardim é um desses casos raros e bem-sucedidos em que a fidelidade a técnicas até certo ponto obsoletas é mera estratégia para a criação de obra singular. Não o veio, com Macambira, como integrante de um movimento de revalorização dos meios tradicionais, mas como alguém que se valeu desses meios de forma original. A gravura em metal com ele atingíveis de precisão e dramaticidade pouco vistos, como no trabalho "Sem Título 4", de 1988, no qual um círculo flutua no escuro, à beira de uma tela-janela, ou, também entre tantos, como em "Sem Título 59", de 1971, em que corpos humanos parecem pendurados em postes, como se eletrocutados, e vigiados de longe por homens no topo de uma montanha.

Um dos muitos aspectos interessantes deste livro é o de revelar ao leitor como Jardim — um professor, além de artista — construiu sua poética (ou como desenvolveu um método), partindo do uso rigoroso de uma técnica e de anotações, sem muito esforço, lembrando poemas: "O círculo/ envolvendo/ a árvore/ O círculo/ envolvendo/ as estrelas/ guardando".

Régis Bonvicino é poeta, autor de "Ossos de Borboleta" (Ed. 34) e "Outros Poemas" (Iluminuras).